



histórias carregadas pela lama

Tragédia revelada por
diferentes olhares

Karen Myrna Castro Mendes Teixeira
[Org.]





REALIZAÇÃO

SEMFA

GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO
AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

©2016 O organizador

©2016 by Centro Universitário Newton Paiva

2016

expediente

PRESIDENTE DO GRUPO SPLICE

Antônio Roberto Beldi

REITOR

João Paulo Beldi

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Cláudio Geraldo Amorim Sousa

SECRETÁRIA GERAL

Jacqueline Guimarães Ribeiro

COORDENAÇÃO GERAL DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA

Emerson Luiz de Castro

COORDENADORA DA ESCOLA DE DIREITO - CAMPUS CCL

Valéria Edith Carvalho de Oliveira

COORDENADORA DA ESCOLA DE DIREITO - CAMPUS BURITIS III

Sabrina Tórres Laje Peixoto de Melo

ORGANIZAÇÃO: Karen Myrna Castro Mendes Teixeira

FOTO CAPA: Wagner Correa

FOTOS: Alunos da Escola de Direito do Centro Universitário Newton Paiva, visitantes e Wagner Correa

APOIO TÉCNICO

Núcleo de Publicações Acadêmicas do Centro Universitário Newton Paiva

EDITORA DE ARTE E PROJETO GRÁFICO: Helô Costa - Registro Profissional 127/MG

DIAGRAMAÇÃO: Ariane Lopes e Marina Pacheco (estagiárias do Curso de Jornalismo)

H673

Histórias carregadas pela lama: tragédia revelado por diferentes olhares / Organização Karen Myrna Castro Mendes Teixeira - Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 2016.

47 p. ;

ISBN 978-85-98299-62-4

1. Direito. 2. Bento Rodrigues MG - tragédia. I. Teixeira, Karen Myrna Castro Mendes. III. Centro Universitário Newton Paiva. III. Título.

CDU: 34

Ficha Catalográfica: Bibliotecária Kênia Amaral da Silva – CRB/6:2053



Quem se prepara, não para.

ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA

Av. Presidente Carlos Luz, 220 - Caiçara

Av. Barão Homem de Melo, 3322 - Buritis

Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil

apresentação

MEIO AMBIENTE E CIDADANIA

As questões ambientais no mundo contemporâneo já não mais dizem respeito somente ao setor produtivo ou ao setor público. A indústria, o comércio e os governos já não podem mais, serem os únicos agentes a interagir dentro do cenário de discussão sobre o meio ambiente.

As leis existentes por si só não sustentam a proteção e atenção indispensável sobre as questões ambientais o que demanda a participação de um agente de suma importância: o cidadão. Segundo o dicionário Aurélio cidadão é o indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado, ou no desempenho de seus deveres para com este.

Os problemas ambientais que ocorrem a cada dia em nossa rua, em nosso bairro, em nossa cidade, em nosso Estado, em nosso

país, em nosso mundo e por fim em nosso universo já não mais podem ser considerados problemas de terceiros. São problemas de cada um de nós. O aquecimento solar, por exemplo, não ameaça só o planeta, como se fosse um acontecimento distante de nós. Ele ameaça a nossa saúde individualmente. Ele ameaça nossas fontes de alimentos e determina um cenário trágico para as nossas futuras gerações.

Neste sentido a nossa participação como cidadãos é indispensável. Devemos estar atentos a tudo que ocorre com o meio ambiente, cientes de nossa responsabilidade e do nosso papel fundamental, conhecedores dos meios de que dispomos para fazer valer a legislação ambiental existente, e, finalmente, sabedores dos organismos que podem agir para aplicar esta legislação.



histórias carregadas pela lama

É necessário que a sociedade de consumo tenha consumidores conscientes que cobrem das indústrias e empresas um comportamento ético e transparente com o meio ambiente. E que caso tenham conhecimento de algum fato danoso ao meio ambiente, acontecido ou potencial, que denuncie e se envolva no levantamento e na discussão daquele fato.

Não se busca aqui propor um denunciismo sem base ou meramente político, mas uma participação efetiva dos cidadãos que querem ver seu mundo cada vez melhor.

Desta forma as ações locais, regionais e pontuais que trazem para o debate as repercussões de fatos que prejudiquem o meio ambiente e que proporcionem a articulação das comunidades e dos públicos envolvidos são a solução para grande parte dos problemas ambientais existentes. Esses problemas em sua maioria ainda persistem não por falta de leis, mas sim por falta de interesse e de desconhecimento das pessoas de uma forma em geral.

Se, discutimos o hoje, o aqui e o agora, é por que tivemos um passado e queremos garantir um futuro. Cuidar do meio ambiente, zelar por ele é acima de tudo participar. Nunca tivemos tantos instrumentos e tantos órgãos governamentais para nos auxiliar nesta vigília diuturna a favor do meio ambiente.

Mas se, ainda, por causa dessa complexidade nada podemos fazer, vejamos as questões ambientais mais próximas de nós como os desmatamentos, a poluição das águas e as agressões contra a fauna e a flora.

Bento Rodrigues não é apenas uma tragédia a ser noticiada, mas sim um alerta da fragilidade e até mesmo ausência da cidadania a ser exercida por cada um de nós diante das transformações silenciosas e cotidianas do nosso meio ambiente. Por isso a relevância do presente trabalho que busca, por meio da indissociabilidade entre a pesquisa, o ensino e a extensão dar voz, cor e texto à essa cidadania.

EMERSON LUIZ DE CASTRO

COORDENADOR GERAL DA ESCOLA DE DIREITO
DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA
MESTRE EM DIREITO PELA FACULDADE DE
DIREITO MILTON CAMPOS



prefácio

O VERDADEIRO OLHAR SOBRE A REALIDADE DA TRAGÉDIA DE BENTO RODRIGUES - MG

Foi em 2011 que, atendendo ao chamado de um cliente, estive no município de Nova Ponte/MG. Há 20 anos, por conta da construção de uma hidrelétrica, a cidade, agora denominada “cidade velha”, com mais de 1500 imóveis ficou submersa. Os moradores da então “cidade velha” foram transportados para uma “cidade nova”, contruída em terreno próximo, na qual pode-se visitar uma réplica da Igreja matriz da antiga cidade.

Quando lá estava e, à beira da represa, por ser época da seca, aparecia bem no meio das águas a torre da antiga Igreja matriz. Fiquei olhando aquela imensidão de água e a torre, até que, desviando o olhar para a esquerda percebi um grupo de pessoas, do outro lado da margem, que ficavam alí, parados, olhando para a torre.

Perguntei ao meu cliente: porque estas pessoas estão ali? Há algo que não estou vendo? Ele me respondeu: são os moradores mais antigos que vêm rezar voltados para a torre da matriz. Toda época de seca é do mesmo jeito... Nunca esqueci este momento.

Ainda curiosa, perguntei como estas pessoas estavam vivendo. Meu cliente respondeu: “ganharam novas casas, uma “prainha bem desenhada”, uma cidade “inteirinha” com réplica e tudo da Igreja matriz. Mas, o povo começou a “definhar”. Muita bebedeira. Não tinham roça nos fundos da casa para plantar, criar umas galinhas ou mesmo uns leitõesinhos para o Natal. O crime chegou na cidade. E o povo ficou triste que dá dó.”

Sentimento estranho passou por mim ao lançar novo olhar sobre aquelas pessoas à margem da represa. Confesso que de culpa também. Gente que faz mal prá gente. Pensei no porquê da distribuição do ônus social – tema relevante na responsabilidade administrativa. Também pensei que todo cidadão deveria ter igual oportunidade. A oportunidade de São Tomé: ver com olhos próprios a importância do meio em que vivemos – natural, artificial, cultural e do trabalho.

Em 2012, lá estava eu contra todos os percalços, fazendo mestrado em Direito Ambiental e Sustentabilidade. Meu projeto de pesquisa versava sobre “A responsabilidade civil ambiental”. No mesmo ano,

comecei a lecionar a disciplina Direito Ambiental. Desde o início de minha carreira docente, já lecionava Responsabilidade Civil. Em 2014 defendi minha dissertação de mestrado, já consciente, não só da responsabilidade civil, mas também das responsabilidades administrativa e penal – a tríplice responsabilidade ambiental. Em maio de 2015, certa de que deveria fomentar a questão ambiental na comunidade acadêmica do Centro Universitário Newton Paiva, em especial, na Escola de Direito, criamos o GEMAS – Grupo de Estudo e Pesquisa em Direito Ambiental e Sustentabilidade trabalhando, basicamente, com cinco pastas: Educação Ambiental, Justiça Ambiental, Resiliência, Consumo Consciente e Biodiversidade.

(In)esperadamente, em novembro do mesmo ano, ocorreu o denominado pela imprensa “desastre de Mariana” em Minas Gerais. Ao ver as primeiras imagens televisivas não me furtei lembrar de Nova Ponte e seus moradores. Precisava ir até lá. Precisava dividir essa experiência que chamo de “São Tomé” com mais pessoas. É tão real. As ciências devem observar a realidade.

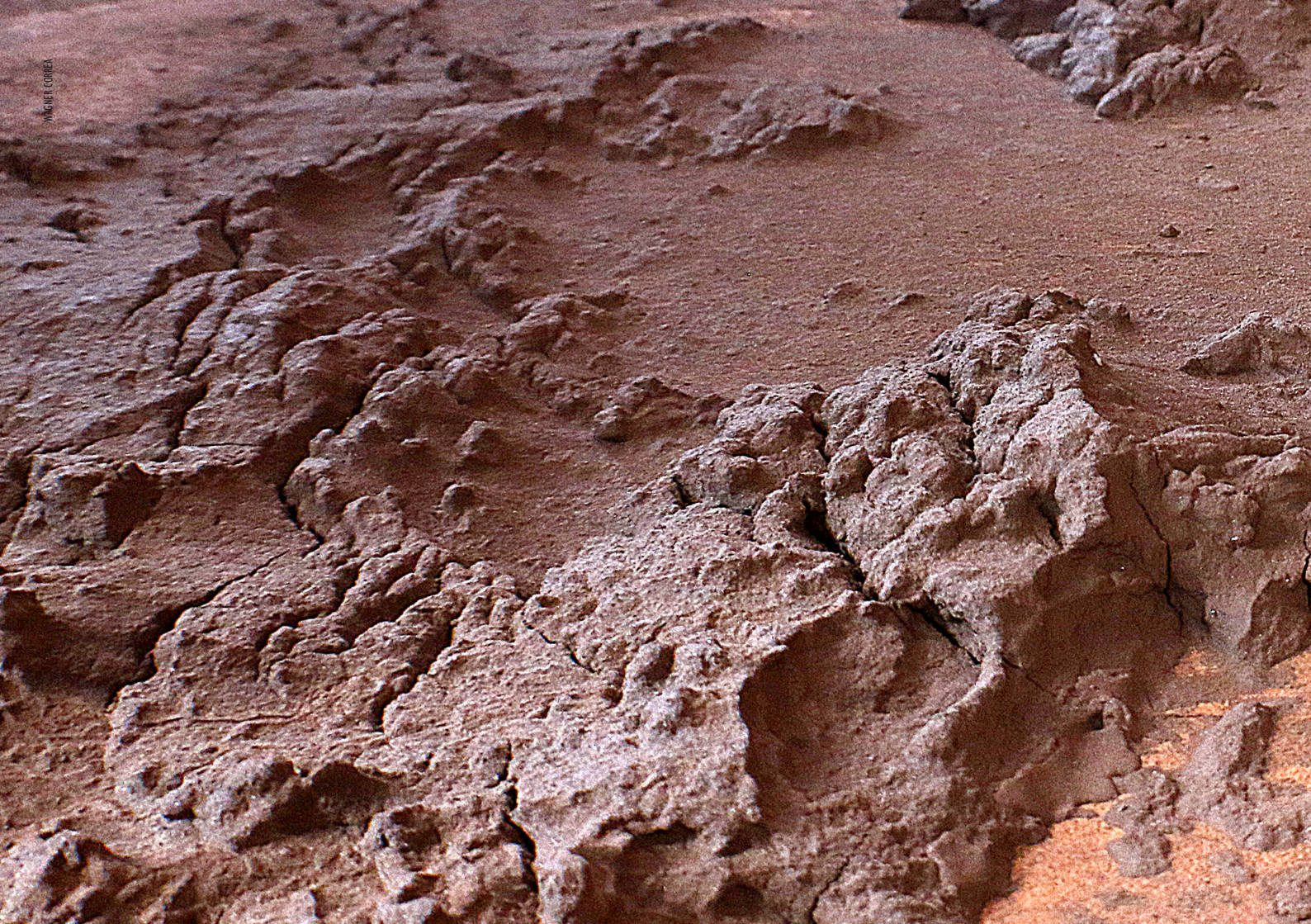
A oportunidade sobreveio, em março/2016, por meio do Prof. Daniel Medrado da Escola de Direito. Neste momento, não podemos deixar de agradecer-lo bem como à Secretaria Estadual do Meio Ambiente e à Fundação Estadual do Meio Ambiente que nos proporcionou a aproximação da pesquisa com seu objeto.

O estudo da temática resultou em uma exposição de fotos aéreas cedidas pela Fundação Estadual do Meio Ambiente, denominada “Olhar dos céus: a tragédia que abalou o mundo em 2015” em todo o Centro Universitário Newton Paiva, em um Seminário sobre “As ações Administrativas frente ao Acidente da Samarco” e na visita Técnica à Bento Rodrigues/MG, cuja experiência humana culminou na edição dos depoimentos contidos nesta publicação.

A visita técnica a Bento Rodrigues contou com os Cursos de Direito, Engenharia Ambiental e Ciências Biológicas e do Núcleo de Publicação Acadêmica do Centro Universitário Newton Paiva. Foram convidados alunos do Mestrado em Direito Ambiental e Sustentabilidade da Escola Superior Dom Helder Câmara e do Mestrado em Ciências Ambientais da Universidade Federal de Minas Gerais. Tivemos, também, a presença do fotógrafo e cinegrafista Wagner Correa que gentilmente disponibilizou-se para acompanhar a pesquisa de campo e registrar momentos tão marcantes.

KAREN MYRNA CASTRO MENDES TEIXEIRA

Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Newton Paiva.
Especialista em Direitos Sociais pelo Centro Universitário Newton Paiva.
Mestre em Direito Ambiental pela Escola Superior Dom Helder Câmara.
Professora da Escola de Direito do Centro Universitário Newton Paiva.
Sócia e advogada do Escritório Castro Advocacia.





sumário

- 15 a exposição
- 23o seminário
- 27a viagem
- 31a visita e os depoimentos
- 87 a vida ainda persiste
- 89o retorno
- 91 posfácil
- 95 posfácil | pesquisa de campo



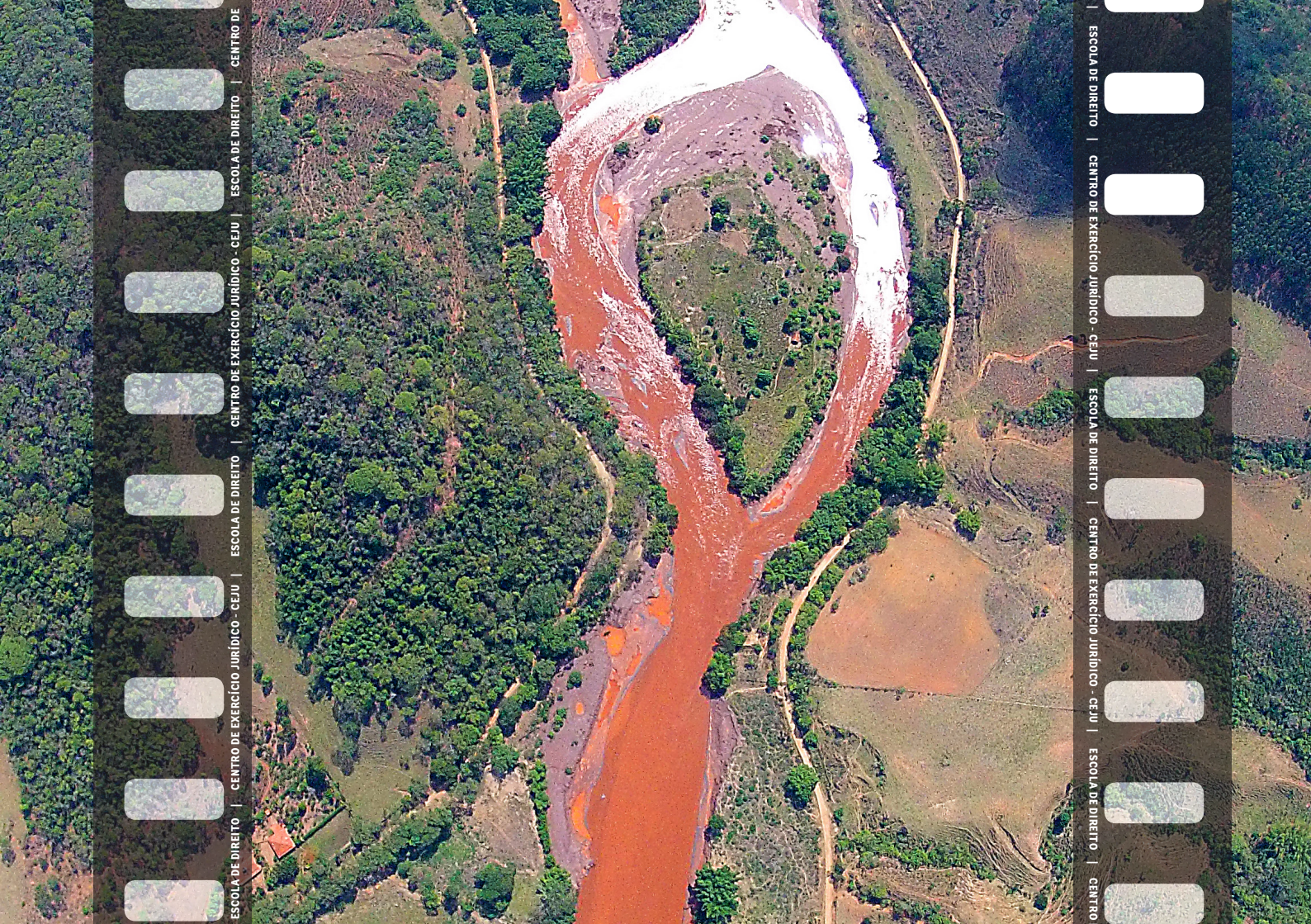
ESCOLA DE DIREITO | CENTRO DE EXERCÍCIO JURÍDICO - CEJU | ESCOLA DE DIREITO | CENTRO DE
ESCOLA DE DIREITO | CENTRO DE EXERCÍCIO JURÍDICO - CEJU | ESCOLA DE DIREITO | CENTRO DE
ESCOLA DE DIREITO | CENTRO DE EXERCÍCIO JURÍDICO - CEJU | ESCOLA DE DIREITO | CENTRO DE
ESCOLA DE DIREITO | CENTRO DE EXERCÍCIO JURÍDICO - CEJU | ESCOLA DE DIREITO | CENTRO DE
ESCOLA DE DIREITO | CENTRO DE EXERCÍCIO JURÍDICO - CEJU | ESCOLA DE DIREITO | CENTRO DE

a exposição

Data: 30 de março a 30 de abril de 2016
Centro Universitário Newton Paiva
Campus 800 | 220 | Silva Lobo | Buritis
Belo Horizonte - MG







ESCOLA DE DIREITO

| CENTRO DE EXERCÍCIO JURÍDICO - CEJU

| ESCOLA DE DIREITO

| CENTRO DE EXERCÍCIO JURÍDICO - CEJU

| ESCOLA DE DIREITO

| CENTRO DE

ESCOLA DE DIREITO

| CENTRO DE EXERCÍCIO JURÍDICO - CEJU

| ESCOLA DE DIREITO

| CENTRO DE EXERCÍCIO JURÍDICO - CEJU

| ESCOLA DE DIREITO

| CENTRO DE



o seminário

AS AÇÕES ADMINISTRATIVAS FRENTE AO ACIDENTE DA SAMARCO

Data: 30 de março de 2016
Auditório Nominato
Avenida Carlos Luz, 220
Bairro Caiçara
Belo Horizonte | MG

CONVIDADOS

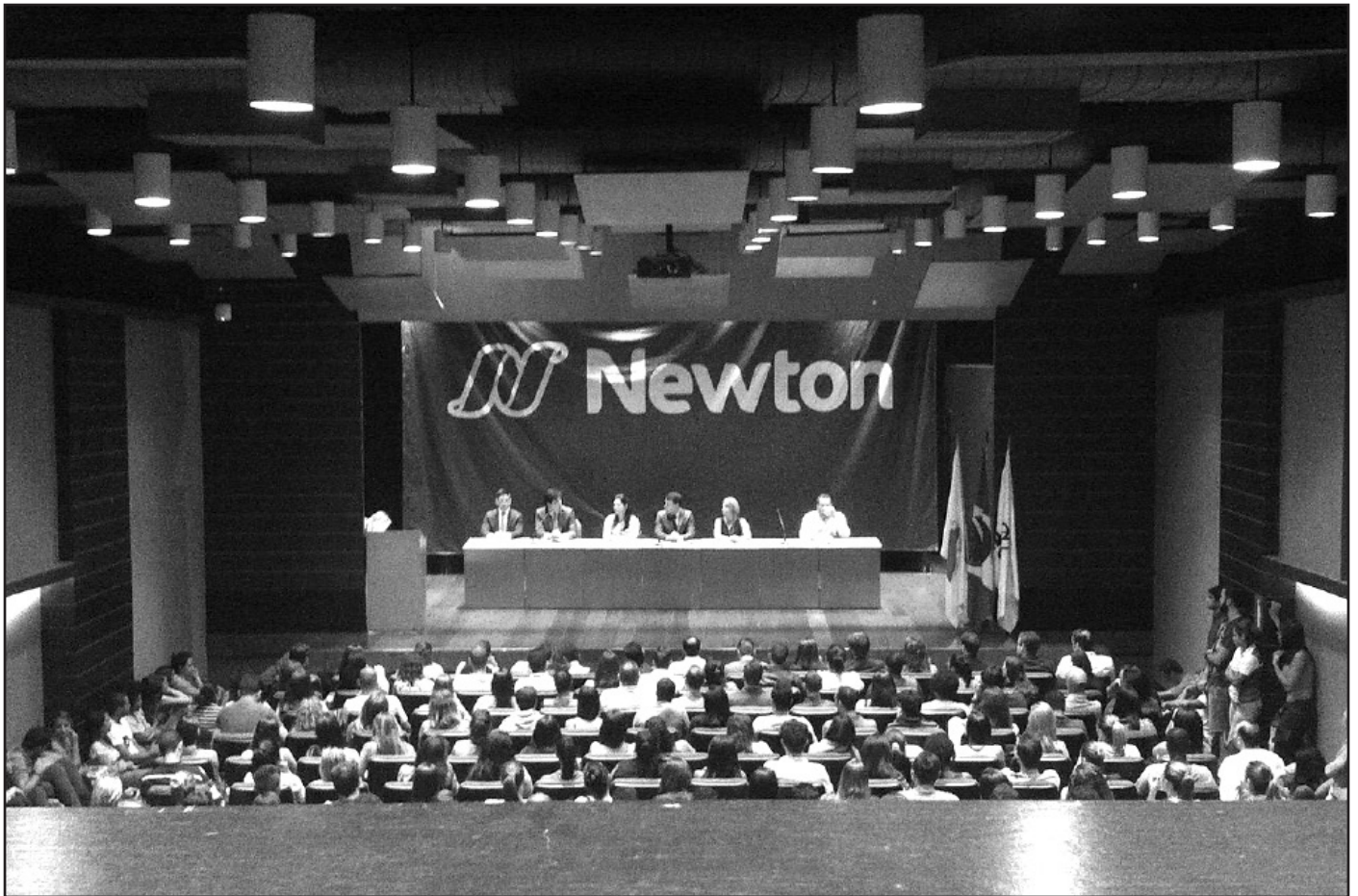
NALTON SEBASTIÃO MOREIRA DA CRUZ | Secretário de Estado Adjunto de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

DIOGO SOARES DE MELO FRANCO | Presidente da Fundação Estadual do Meio Ambiente

GERMANO LUIZ GOMES VIEIRA | Chefe de Gabinete da Fundação Estadual do Meio Ambiente

RENATO TEIXEIRA BRANDÃO | Diretor de Gestão de Resíduos da Fundação Estadual do Meio Ambiente (responsável pela gestão de barragens no Estado)







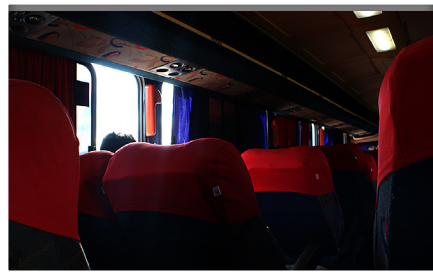
a viagem

Data: 28 de abril de 2016

Primeira Parada | Mariana - MG

Destino | Distrito de Bento Rodrigues









a visita e os depoimentos

Data: 28 de abril de 2016
Distrito de Bento Rodrigues
Cidade Mariana
Belo Horizonte - MG











No dia 5 de novembro de 2015, ocorreu um grande desastre no Distrito de Bento Rodrigues, localizado no município de Mariana, ocasionado pelo rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco, barragem de Fundão, tendo como resultado a inundação das casas, entre diversas mortes e desaparecidos.

Ao chegar a Bento Rodrigues tive um grande impacto, pois por mais que tenham mostrado na mídia o acontecimento, só quem vê de perto tem a proporção do estado em que ficou o Distrito, os danos causados tanto para as famílias quanto para o meio ambiente. Coloquei-me na situação de cada pessoa que viveu aqueles momentos de desespero. Hoje, o local está vazio, podendo ser até mesmo comparado a uma “cidade fantasma”. A visita foi de extrema importância para que pudéssemos ver a real situação do Distrito.

KARLA NAYARA MARTINS DOS SANTO

GRADUANDA DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA.
PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO AMBIENTAL E
SUSTENTABILIDADE - GEMAS.





WAGNER CORREA



WAGNER CORREA



O Distrito de Bento Rodrigues, da cidade de Mariana, recentemente foi destruído por um grande desastre ambiental causado pelo rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco. Através do vazamento da lama, muitas famílias perderam entes queridos e suas casas, além de igrejas, comércios, escola e praça que foram arruinados. Com a visita realizada em Bento Rodrigues percebi que o lugar tornou-se triste e isolado. Parecia uma “cidade fantasma” dos filmes de Hollywood.

O pouco que restou são apenas as lembranças de um Distrito com mais de trezentos anos, e que carregava consigo uma rica cultura, diferentemente do que foi noticiado pela mídia, como se lá fosse somente um local pequeno e simples, não lhe dando o real valor. O estrago provocado pelo rompimento da barragem, resultou, também, nos impactos ambientais, como por exemplo, a poluição de rejeitos de minério de ferro no Rio Doce.

KÉLITA NATÁLIA FERREIRA

GRADUANDA DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA.
PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO AMBIENTAL E
SUSTENTABILIDADE - GEMAS.







WAGNER COBEA

Em 07 de abril de 2016, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Direito Ambiental e Sustentabilidade da Escola de Direito do Centro Universitário Newton Paiva realizou visita técnica a Bento Rodrigues em Minas Gerais. Como convidados o Curso de Engenharia Ambiental e Ciências Biológicas do Centro Universitário Newton Paiva, alunos da Escola Superior Dom Helder Câmara e do Mestrado em Ciências Ambientais da Universidade Federal de Minas Gerais.

Com a visita, pôde-se notar, na íntegra, toda a devastação que ocorreu na região após o rompimento da barragem de Fundão. Esta era uma barragem de rejeitos de mineração controlada pela empresa Samarco de Mineração S.A, que se rompeu no dia 05 de novembro de 2015, a 35 quilômetros do município de Mariana – MG.

A visita possibilitou ver os estragos que ocorreram no subdistrito, como: casas no chão, eletrodomésticos em cima de telhados, sofás e quadros dentro das casas, roupas, ainda penduradas, dos antigos moradores, brinquedos, calçados, colchões, escola infantil totalmente destruída, calçamento da cidade completamente tomado não mais por lama, mas por terra e muita poeira proveniente dos metais vindos junto com o minério. Não apenas as casas sofreram estragos, mas também igrejas e monumentos que eram datados do século XVIII e tombados pelo patrimônio histórico.

Além da devastação local, ainda é possível ter conhecimento do estrago ambiental que esse rompimento da barragem trouxe. O rio que passava ali perto de Bento Rodrigues acabou sendo desviado, passando a conter baixo nível de água, porém com o grande volume que chegou a ter

no momento do rompimento, aproximadamente 34 milhões de m³ de lama de rejeito de minério, atingiu o Rio Doce em questões de horas.

O Rio Doce compreende a maior bacia da região sudeste do país, com área total de 82.646 quilômetros quadrados, onde aí sim, foi possível notar a extensão do dano ambiental ocasionado pelo desastre. Com a turbidez da água, houve morte de diversas espécies de peixes, além da interrupção do fornecimento de água das cidades abastecidas pelo rio, dentre outros. O dano ambiental ocasionado pela lama se estendeu além do Estado de Minas Gerais, atingindo, também, Estado do Espírito Santo onde acabou mar adentro.

Essa visita foi de grande valia para nós, pesquisadores do Direito Ambiental, pois se pôde observar o quão desastroso foi o rompimento da barragem na região de Bento Rodrigues/Mariana - MG. Temos que ter a consciência que isso aconteceu e levará anos para minimizar os danos provocados, porém servirá de alerta e aprendizagem para que empresas sejam mais cautelosas para não mais haver desastres ambientais, desse modo, no futuro. Agora, espera-se, que as autoridades façam cumprir as leis para que a empresa não só repare os danos ambientais causados como também reorganizem a vida dos antigos moradores e trabalhadores da região.

MARCELO NOGUEIRA LONDE

GRADUANDO DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA,
PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO AMBIENTAL E
SUSTENTABILIDADE - GEMAS. AGRÔNOMO.







Depois desta experiência, digo que vi a realidade, não aquela realidade mostrada nas notícias e jornais, vi a realidade com os “próprios olhos”. Pisando naquela lama seca diria que pude sentir um pouco da dor daquela cidade. Aquele povo perdeu muito mais que seus bens materiais, muito mais que um carro, uma televisão, um fogão, eles perderam algo que não tenho palavras para descrever, mas sei que talvez nunca será deixado para trás.

Estar onde aconteceu essa terrível tragédia foi um choque, ali ganhei forças, aquelas terras me disseram para lutar mais pelo meio ambiente, pelo planeta Terra e pela vida.

Agradeço ao grupo Gemas, os demais alunos presentes e especialmente à professora Karen Teixeira e ao Centro Universitário Newton Paiva que me proporcionaram esse momento tão importante em minha vida profissional, acadêmica e pessoal.

JÉSSICA CAROLINE AVELINO DE SOUZA

GRADUANDA DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA.
PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO AMBIENTAL E
SUSTENTABILIDADE - GEMAS.









A viagem foi muito importante para conhecermos as novas demandas que o cenário de licença para operar - conceito que engloba as licenças ambientais, sociais e técnicas de uma atividade empreendedora em determinada localidade - exige para ocorrer em sua eficácia e sintonia plena.

É nítida a proibição de repetições de eventos como este, e para isto devemos estar cada vez mais unidos, próximos e conscientes de tudo que nos rodeia, para saber o que devemos exigir e a melhor forma de fazê-lo, em busca de nossos direitos.

MONAH MOREIRA HILAL

GRADUANDA DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA.
PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO AMBIENTAL E
SUSTENTABILIDADE - GEMAS. ENGENHEIRA AMBIENTAL.









A visita a Bento Rodrigues foi uma experiência riquíssima. Eu conheci os impactos sociais, culturais e ambientais que marcaram a cidade e o povo. Pessoas que ali viviam, construíram uma história e de repente, perderam tudo.

Aprendi como este contato é importante para um futuro operador do Direito. Lutar por direitos não se relaciona a somente conhecer leis e nem limitar-se ao conteúdo aprendido em sala de aula, mas também, conhecer o que está além e saber que o direito deve servir à realidade social, nela compreendida a cultura, o meio ambiente e a economia.

Esta oportunidade me trouxe mais sensibilidade, e certeza de que o curso que escolhi tem muito que me acrescentar (nos acrescentar) para ser um cidadão melhor. E de maneira muito especial, o GEMAS tem nos proporcionado experiências únicas às quais levaremos conosco por toda uma vida.

NADIA PALOMA DE ÁVILA

GRADUANDA DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA.
PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE - GEMAS.





Quando estive em Bento Rodrigues tive a oportunidade de ter um enriquecimento acadêmico impressionante na área do Direito Ambiental. Pude sentir um pouco da dor que aquelas pessoas carregam até hoje, pois se trata de uma história, uma vida inteira que foi soterrada pela lama.

Esta casa representa sonhos, histórias de pessoas que viveram momentos de simplicidade e muita felicidade. Bento Rodrigues era um distrito que possuía Escola Municipal modelo de Mariana, e uma estrutura de praças maravilhosa, comércio desenvolvido, estrada asfaltada, etc.

Percebi com a visita ao subdistrito de Bento Rodrigues o quanto esta catástrofe gerou danos à vida destas pessoas e ao meio ambiente.

TIAGO HENRIQUE SANTOS DE OLIVEIRA

GRADUANDO DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON
PAIVA. PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO AMBIENTAL E
SUSTENTABILIDADE - GEMAS.









A visita técnica foi muito interessante e produtiva apesar das condições em que se encontra Bento Rodrigues. Pode ser comparada até mesmo a uma cidade fantasma. Vimos o que se tornou uma cidade por falta da responsabilidade do Poder Público e da Mineradora Samarco e, a cada ponto em que passei conseguia associar alguma cena mostrada pela mídia. Tive um grande impacto emocional ao ver toda aquela cidade transformada em lama. Cada parte que pisava era um pensamento diferente, a minha forma de ver a situação mudou completamente e pude perceber que podem existir várias histórias por detrás de cada escombros.

Para muitos, Bento Rodrigues não passava de uma “roça”, porém não era assim, era um subdistrito de grande importância para mineração e a Estrada Real atravessava o centro urbano. A barragem de Fundão se rompeu destruindo vários pontos históricos, como por exemplo, a Igreja de São Bento. Várias pessoas estão trabalhando para tentar recuperar peças importantes do século XVIII das igrejas.

DANIELE PAOLA MARTINS DE OLIVEIRA

GRADUANDA DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA.
PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE - GEMAS.



Quando adentramos no Distrito de Bento Rodrigues, me impressionei com a semelhança visual com a cidade do Império Romano de Pompéia localizada na Itália. Pompéia foi completamente coberta por cinzas e lama expelidas pela erupção do vulcão Vesúvio. Hoje, assim como Pompéia, Bento Rodrigues é uma “cidade fantasma”. Ouso dizer que não houve um acidente e, sim, um crime fruto do descaso da mineradora Samarco e do Poder Público que possui o dever de fiscalização.

Bento Rodrigues funcionava como um centro urbano eficiente: possuía escola modelo, centro de saúde e policiamento, ruas asfaltadas e devidamente sinalizadas, comércio, boas casas, igrejas e até um muro histórico tombado como patrimônio histórico cultural da humanidade,

sendo, inclusive, caminho da Estrada Real componente da rota denominada Caminho dos Diamantes. A lama devastou e sepultou toda a extensão do Distrito.

Percebi com a visita à Bento Rodrigues que a verdadeira extensão do dano é imensurável tanto para as vítimas que lá estavam no momento do rompimento da barragem quanto para o Meio Ambiente.

CAMILA CRISTINA AZEVEDO CASTRO TEIXEIRA

EGRESSA DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA. PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE - GEMAS. ESPECIALISTA EM DIREITO TRIBUTÁRIO PELA FACULDADE INTEGRADA AVM. GRADUANDA DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. SÓCIA E ADVOGADA DO ESCRITÓRIO CASTRO ADVOCACIA.







Na quinta-feira, dia 07/04, tive a oportunidade de ir, junto ao grupo de estudo que faço parte - GEMAS, ao distrito de Bento Rodrigues, que ficou conhecido no mundo todo pelo desastre ocorrido em novembro do ano passado (2015), com o vazamento de lama decorrente do rompimento de uma das barragens da Samarco.

O que ficou dessa experiência não é o que foi passado pela mídia, e também não vou ficar questionando aquilo que todos já questionaram, nem quem é culpado, se existe culpado, se foi acidente e o porquê, o mais importante e sem resposta é o “e agora?”, “e a vida das pessoas que perderam tudo?”

Não, não se trata apenas de um teto, de algumas peças de roupa, de móveis... A verdade é que ali acabou a identidade e a história de todos. Sabe aquela roupa especial que você guarda com carinho? Ou aquele jogo de xícara que você vê na casa da sua avó e sente o aconchego? Aquela colcha bordada do enxoval da sua mãe de mais de 40 anos? Ou as fotos, os quadros da parede? As memórias físicas... nada disto voltará!

Nenhum dinheiro ou indenização vai ser capaz de reparar. É um vazio. É um lugar vazio.

E dentro de tantas perdas, tem o alívio daqueles que sobreviveram com a roupa do corpo (e alguns até sem isso). É triste demais.

Bento Rodrigues não era uma roça (como foi passado pra quem não conhecia, diminuindo a relevância do lugar). Lá existiam casas boas (que já foram totalmente abandonadas e saqueadas – de telhas a piscina de fibra), tinha uma policlínica e escolas grandes, igrejas, quadra poliesportiva, pracinha, ruas asfaltadas, e jeitinho de cidade do interior.

Eram mais de 300 anos de história e até patrimônio histórico reconhecido. Agora, não é nada mais. É poeira e lama. Vamos ver o que vai ser no futuro, se é que existe algum futuro para aquele lugar...

LAIS JARDIM

GRADUANDA DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA.
PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO AMBIENTAL E
SUSTENTABILIDADE - GEMAS.







Ao pisar o solo de Bento Rodrigues e aproximar-me daquele que foi o seu ambiente, hoje devastado, esvaziado do seu sentido primeiro, qual seja, a vida movida pelos seus habitantes com o envolvimento de sua história, demarcando a peculiaridade cotidiana, percebi algo além da minha expectativa.

No momento, só o vazio, o silêncio, o não ser, o ontem, o luto, a perda da memória do lugar. Memória esta registrada nas construções feitas no tempo, talvez erigidas com sacrifício, a igreja, as casas, a escola, o comércio, a praça, as ruas, e a Barragem do Fundão, mais acima, pertencente à Samarco.

Seus habitantes, hoje presos a uma situação que está longe de ser suplantada, vive o pesadelo do desterramento e, igualmente, sentem-se deslocados em qualquer outro lugar que lhes fora improvisado.

É o maior desastre ambiental de todos os tempos atingindo cidades, fauna, flora, rios e oceano.

O que aconteceu em Bento Rodrigues, é o resultado da inoperância das autoridades durante décadas, da corrupção, do poder econômico e da inconsciência do povo. Só nos resta uma reflexão: é preciso mudar o modelo de exploração das jazidas de minério em nosso país, bem como o armazenamento de rejeitos. A região sofre depredação desde os tempos do ouro.

É imperioso conviver com a natureza sem degradá-la!

ELIANA BEDESCHI DA SIVEIRA E SILVA

GRADUANDA DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA.
PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE - GEMAS.





Todos nós, juristas, advogados, estudantes de Direito, desde muito cedo somos ensinados e incentivados a emitir opiniões, nos posicionando juridicamente em consonância com nossas leis, jurisprudências e doutrinas. Aprendemos a observar os acontecimentos e encaixá-los nos tipos previstos em leis de nosso Ordenamento.

A visita a Bento Rodrigues nos fez enxergar para além do comum à nossa classe: ver com os próprios olhos, sentir os efeitos da destruição e se colocar no lugar dos afetados pelo desastre. Aqui somos chamados não como juristas, não como estudantes de Direito, mas como seres humanos. É triste ver uma cidade e sua história serem carregados pelo rio de lama e rejeitos.

Uma oportunidade única de entrarmos em contato com o nosso lado humano. Pensarmos o que queremos para o mundo, além de refletirmos também sobre qual a contribuição nós, profissionais do Direito, podemos dar à sociedade na tentativa de evitar que mais e mais pessoas tenham seus direitos, suas vidas e suas histórias atingidas e marcadas de uma forma tão trágica.

JOÃO PEDRO CITA

GRADUANDA DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA.
PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DIREITO AMBIENTAL E
SUSTENTABILIDADE - GEMAS.







No dia 5 de novembro de 2015, um subdistrito de Mariana/MG, chamado Bento Rodrigues, foi aniquilado por milhões de metros cúbicos de rejeito de minério. Mortes e devastação caracterizaram a catástrofe que assolou uma comunidade e que mobilizou e sensibilizou um país inteiro.

Pouco mais de cinco meses após o desastre, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Direito Ambiental e Sustentabilidade (GEMAS) da Escola de Direito do Centro Universitário Newton Paiva, coordenado pela professora Karen Castro, organizou uma visita *in loco* multidisciplinar para observar os impactos ambientais, sociais e econômicos dentro de um contexto regional.

Foi possível observar que, além das pessoas afetadas e de toda uma economia envolvida, a flora, a fauna, bem como os recursos hídricos sofreram uma devastação impossível de se calcular, ou melhor, sequer estimar.

Tal devastação indicou nossa limitação em supervisionar e gerir tais empreendimentos que, embora espelhem uma vantagem econômica, necessita de mais cuidado e rigor na administração e, principalmente, no planejamento. Um cálculo mal feito, um laudo mal elaborado, uma falha ignorada ou um detalhe de monitoramento negligenciado pode causar perda de habitats e vitimar pessoas, questões inaceitáveis para um país ecologicamente muito rico e uma população que busca a sustentabilidade.

Como profissional e pesquisador a referida visita evidenciou um di-

tado que sempre ouvia de um professor em sala de aula, na graduação, e ele dizia: “Quando um médico erra a terra esconde, quando um engenheiro erra a terra revela”. No entanto, não se pode colocar a culpa apenas em um profissional, em uma empresa ou em um órgão gestor. O que temos a fazer como seres humanos conscientes e de boa vontade é oferecer o máximo de apoio possível aos afetados e dedicarmos em buscar soluções para acelerar o retorno da forma original do ecossistema e evitar que a tragédia se repita.

A natureza, infelizmente, já teve que provar sua capacidade de “recriação” em desastres passados e dessa vez não será diferente, ela dará a volta por cima. Mas será necessária toda uma dedicação de pessoas responsáveis para que não se repita o que aconteceu a Bento Rodrigues e várias outras cidades afetadas pelas águas do Rio Doce que ficaram turvas.

Para a plena recuperação do rio Doce e das áreas diretamente afetadas deverá ser feito um trabalho de melhoria da qualidade ambiental em toda a bacia, que está em situação de vulnerabilidade e degradação. Portanto, cabe nesse ponto uma sugestão: a implementação de um projeto para mapeamento e conservação das nascentes da Bacia com o objetivo de produzir mais água para dissolver toda a lama dos leitos dos rios.

HUGO HENRIQUE CARDOSO DE SALIS

MESTRANDO EM ANÁLISES E MODELAGEM DE SISTEMAS AMBIENTAIS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. ENGENHEIRO FLORESTAL.







Seguimos de ônibus até o local do subdistrito de Bento Rodrigues – Mariana/MG. O local não era tão perto da cidade de Mariana - 22 km aproximadamente. Ao chegamos ao local do desastre, logo visualizamos uma enorme quantidade de lama seca que cobria toda a extensão do subdistrito. Neste contexto, seguimos acompanhado por um funcionário da Defesa Civil.

Da parte alta do povoado dava para ver a situação em que se encontrava o povoado após o desastre. De lá se avistava a destruição dos imóveis que, diga-se de passagem, ainda foram saqueados. A parte alta do povoado não foi atingida pela lama, tinham boas casas de dois andares e até uma quadra poliesportiva. O lugar parecia uma cidade fantasma, um cenário de guerra. Tinha ruas asfaltadas. Bem abaixo do povoado havia uma policlínica, ampla, de dois andares, que foi, também, encoberta pela lama.

A proporção do estrago ocasionado pelo rompimento da barragem de Fundão foi muito além do que a mídia noticiara. A lama soterrou e solidificou sobre todo o terreno do povoado de Bento Rodrigues. O subdistrito contava com mais de trezentos anos e, no passado, foi rota de tropeiros sendo parte da Estrada Real. O lugar era rico e exuberava em sua biodiversidade.

Andando pelas ruas, encontramos com quatro moradores do povoado que passavam pelo local. Dois, dos quatro homens, conversaram conosco e relataram suas angustias dizendo que os moradores comentavam que um dia a barragem poderia se romper e destruir o povoado, mas nenhum órgão fazia nada para solucionar o problema ou criar um plano de emergência para as famílias do povoado.

Tinha, em algumas localidades, placas alertando os moradores para evacuarem o local caso ouvissem a sirene, mas não existia nenhu-

ma sirene e nem mesmo um plano de emergência no povoado no momento do rompimento da barragem.

O desastre ambiental ocorrido em Bento Rodrigues mostra a ineficiência dos Órgãos Públicos e a ganância das empresas mineradoras para extrair com voracidade e sem moderação os recursos naturais da nossa “Minas Gerais”. Ao final da visitação, saí daquele local imaginando como foi o sofrimento daquele povo, tendo que deixar tudo para trás, suas histórias de vida construídas naquele local. Foi uma experiência de vida e de pesquisa de campo únicas, apesar de ter visto um dos piores crimes contra a dignidade humana e contra toda a vida não humana.

O maior bem é a vida, e não tem preço que pague ou repare tudo que aconteceu com aquela população. De qualquer modo, o desastre tem que ficar gravado na história para que haja renovação

por meio do aprendizado com tudo que se passou. Temos que nos conscientizar de nossas atitudes, e buscar sermos pessoas resilientes, superando, renovando e aprendendo com nossos erros, para que alcancemos um modo sustentável de produzir que conduza à sadia qualidade de vida.

A moderação é medida basilar para que se tenha uma relação sustentável entre homem e meio ambiente. Deve-se cuidar para que a racionalidade de um modo de produção a qualquer custo, comum no capitalismo, acabe gerando consequências trágicas que jamais poderão ser reparadas.

GIANNO LOPES NEPOMUCENO

GRADUANDO EM DIREITO DA ESCOLA SUPERIOR DOM HELDER CÂMARA. PESQUISADOR DO GRUPO DOS DIREITOS DOS ANIMAIS, ECONOMIA, CULTURA, SUSTENTABILIDADE E DESAFIOS DA PROTEÇÃO INTERNACIONAL, VINCULADO AO MESTRADO DE DIREITO AMBIENTAL. LÍDER DE PESQUISA PROFESSOR DOUTOR KIWONGHI BIZAWU.







WAGNER CORREA



WAGNER CORREA

a vida ainda persiste





o retorno





posfácil

Em 5 de novembro de 2015, no Município de Mariana, a barragem de Fundão da Mineradora Samarco, controlada pela Vale e pela BHP Billiton, rompeu deixando vazar 62 milhões de metros cúbicos de rejeito de minério resultando no maior desastre ambiental da história brasileira e no maior do gênero (rejeitos de minério) no mundo. Os dois maiores eventos do gênero no mundo, até então, ocorreram nas Filipinas em 1982 (28 milhões de m³) e em 1992 (32,2 milhões de m³).

A lama liberada pelo rompimento da barragem atingiu o Rio Doce cuja bacia hidrográfica abrange 230 municípios dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. No dia 22 de novembro a lama chegava ao mar.

Bento Rodrigues, subdistrito de Mariana/MG, que se localiza a 2,5 quilômetros da barragem, foi, quase em sua totalidade, atingido pela lama de rejeitos. Vários vilarejos foram também atingidos pelo vazamento.

O passivo ambiental gerado pelo rompimento da barragem é imensurável.

SABRINA NAGIB DE SALES BORGES

GRADUADA PELA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA (2015). GRADUADA EM TECNOLOGIA EM TELECOMUNICAÇÕES PELA UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS (2004). MESTRANDA EM ECONOMIA E CIÊNCIAS POLÍTICAS COM ÊNFASE EM MEDIAÇÃO, NEGOCIAÇÃO E MÉTODOS ADEQUADOS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS PELO INSTITUTO UNIVERSITÁRIO ESEADE, NA CIDADE AUTÔNOMA DE BUENOS AIRES- CAPITAL FEDERAL- ARGENTINA. MEDIADORA JUDICIAL DE CONFLITOS EM FORMAÇÃO PELO TJMG. PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDOS EM MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE - GEMAS.



posfácil | a pesquisa de campo

A obra que o leitor tem em mãos é resultado da pesquisa havida no âmbito da Escola de Direito do Centro Universitário Newton Paiva e da consequente produção intelectual desenvolvida pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Direito Ambiental e Sustentabilidade (Gemás), liderado com maestria pela professora Karen Myrna Castro Mendes Teixeira.

Com uma atuação destacada, o Grupo de Pesquisa desenvolve inúmeras ações voltadas à implementação de pesquisa na seara do Direito Ambiental. Nesse contexto, destaca-se, a presente pesquisa de campo realizada em Bento Rodrigues, subdistrito de Mariana, no Estado de Minas Gerais, cuja importância pode ser percebida pelas narrativas e impactantes fotografias, que permitem ao leitor ter uma pequena noção dos inúmeros e profundos impactos ambientais, produzidos pelo rompimento da barragem de Fundão, tragédia que assolou a região de Mariana no final de 2015.

A pesquisa de campo assume nesse cenário um papel de relevo, principalmente, por permitir aos pesquisadores analisarem de forma adequada a degradação ambiental *in loco*, com vistas a uma análise mais acurada dos dados sobre a extensão das ofensas perpetradas ao meio ambiente e sociedade.

Faz-se, imprescindível, salientar ainda que os danos ambientais produzidos pela tragédia de Bento Rodrigues ultrapassaram em muito os limites territoriais da região de Mariana, para atingir por meio da poluição da lama tóxica despejada no Rio Doce, outras cidades, e, inclusive, Estados, numa escalada de destruição e irresponsabilidade causada pela atividade mineradora em Minas Gerais, cujos danos às gerações futuras, as águas, a flora e a fauna, ainda, não podem ser devidamente estimados, demandando por conseguinte uma atuação conjunta e eficaz de toda a sociedade e dos diversos órgãos de proteção ao meio ambiente.

A presente obra propõe assim apresentar um olhar crítico acerca da tragédia ocorrida em Bento Rodrigues, no intuito de contribuir por meio de reflexões e debates, para o imprescindível desenvolvimento da proteção ao meio ambiente sustentável em nosso país.

MICHAEL CÉSAR SILVA

DOUTOR E MESTRE EM DIREITO PRIVADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM DIREITO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS.
COORDENADOR DO PROGRAMA DE PESQUISA DA ESCOLA DE DIREITO
DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA.
PROFESSOR DA ESCOLA DE DIREITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA.
PROFESSOR DA ESCOLA SUPERIOR DOM HELDER CÂMARA.

Bento Rodrigues
Saudades